

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 39-56. ISSN:1808-8031

**ESPAÇO DE RELIGIOSIDADE E TRAÇOS DA MODERNIDADE:** memórias de moradores do Pântano do Sul (Florianópolis/SC, 1970-1980)<sup>1</sup>

**SPACE OF RELIGIOSITY AND TRACES OF MODERNITY:** memory of Pântano do Sul's inhabitants (Florianópolis/SC, 1970-1980)

**ESPACIO DE LA RELIGIOSIDAD Y FRAGMENTOS DE LA MODERNIDAD:** recuerdos de residentes de Pantano del Sur (Florianópolis /SC, 1970-1980)

MARIANE MARTINS

Mestranda em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC),  
Florianópolis, SC, Brasil  
[marianeh3@hotmail.com](mailto:marianeh3@hotmail.com)

**Resumo:** O artigo busca investigar como os moradores do Pântano do Sul vivenciaram a modernidade iniciada em Florianópolis/SC, na década de 1970, e como ela reverberou na religiosidade desses moradores, traço marcante e convergente nas entrevistas analisadas. O Pântano do Sul é um bairro localizado no sul de Florianópolis, com 5800 habitantes. O recorte temporal é entre década de 1970, período que coincide com a modernização de Florianópolis, até 1980, década em que as entrevistas foram produzidas e momento em que o bairro passava por um debate que interliga a religiosidade popular e a atuação da modernidade, nos modos de viver e pensar dos moradores<sup>2</sup>.

**Palavras-chave:** História do tempo presente. Religiosidade popular. Pântano do Sul.

**Abstract:** This paper investigates how the inhabitants of Pântano do Sul neighborhood experience the modernity that begins to take shape in the city of Florianópolis/SC in the 1970s and how it reverberates in the religiosity of these residents, a remarkable and converging topic in the interviews. Pântano do Sul is a neighborhood located in the extreme south of Florianópolis with 5.800 inhabitants. The studied period is between the 1970s, a period that coincides with Florianópolis' modernization and the 1980s, decade in which the interviews were done and the neighborhood faced a debate that connects the popular religiosity and the modernity acting in residents' way of living and thinking.

**Keywords:** Present time history, popular religiosity, Pântano do Sul

**Resumen:** En este trabajo se investiga cómo los habitantes de Pantano do Sul experiencia la modernidad que comienza a tomar forma en la ciudad de Florianópolis / SC, en la década de 1970 y cómo repercute en la religiosidad de estos residentes, fragmento convergente en las entrevistas analizadas. El Pantano do Sul es un barrio situado en el extremo sur de Florianópolis con un promedio de 5.800 habitantes. El marco de tiempo es entre la década de 1970, período que coincide con la modernización de la ciudad de Florianópolis, hasta 1980, la década en la que se construyeron las entrevistas y el tiempo del barrio también pasó por un debate que se conecta a la religiosidad popular y el rendimiento de la modernidad en las formas de vivir y de pensar de los residentes.

**Palabras clave:** Historia del tiempo presente. Religiosidad popular. Pantano del Sur.

<sup>1</sup> Artigo submetido à avaliação em fevereiro de 2015 e aprovado para publicação em junho de 2015.

<sup>2</sup> O presente artigo, fruto da a pesquisa de mestrado “Lembrar para saber, lembrar para conhecer (ou esquecer): Tempo Presente e Patrimônios Imateriais no Pântano do Sul. (década de 1970-2013)” desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 39-56. ISSN:1808-8031

Um bairro, a vinte e sete (27) quilômetros na região central, com uma população de mais de 5800<sup>3</sup>. Um bairro que viveu as transformações por que sua cidade passou. Um bairro que não bloqueou as mudanças, os novos hábitos e o jeito moderno e urbano. Um bairro que cresceu, juntamente com a cidade, porém ainda manteve características de um passado naquele presente. Um bairro que rompeu com alguns traços do passado mas, ao observar seus moradores, ao conhecer um pouco de seus modos de vida, observam-se permanências, uma destas estudadas aqui: a religiosidade popular.

O dito bairro se chama Pântano do Sul e pertence à cidade de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. O recorte deste artigo perpassa os anos de 1970 e 1980 e procura investigar as alterações ocorridas em Florianópolis e como estas reverberaram no cotidiano do Pântano do Sul e em seus habitantes, com ênfase na religiosidade popular. Apesar deste recorte, há, em determinados momentos, recuos e avanços, nas datas, para melhor descrever alguns aspectos, haja vista que nada começa e termina em datas fechadas, as situações emergem aqui e acolá. O recorte temporal mostra-se necessário também para compreender o momento em que as entrevistas foram produzidas e que, possivelmente, ecoaram nas perguntas dos produtores e nas respostas dos entrevistados, pois entrevistados e entrevistadores possuem lugares sociais distintos<sup>4</sup>. Leva-se em conta que a memória parte sempre do presente, mesmo tendo como intuito construir um passado.

As entrevistas, transcritas e analisadas, foram produzidas em 1985, por alunos da Pós Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sendo um dos alunos/entrevistadores um morador do Pântano do Sul. Vale também sublinhar que a produção dessas entrevistas estava ligada à disciplina “Metodologia da Pesquisa Histórica I”, ministrada pelo professor Carlos Humberto Corrêa, criador do “Laboratório de História Oral” (UFSC), uma iniciativa pioneira no Brasil<sup>5</sup> e ainda hoje disponível para pesquisadores.

São, no total, doze (12) entrevistas transcritas, cinco (05) homens e sete (07) mulheres lidas, pois o suporte pesquisado encontra-se no escrito, não houve o contato com os áudios (fitas).

---

<sup>3</sup> Informações coletadas do levantamento da Dinâmica Demográfica dos bairros realizada pela Prefeitura de Florianópolis em 2007. Disponível em: [http://www.cmf.sc.gov.br/contratos/doc\\_download/6906-anexo-a-dinamica-demografica](http://www.cmf.sc.gov.br/contratos/doc_download/6906-anexo-a-dinamica-demografica).

<sup>4</sup> GRACIA, Gerardo Necochea. Introducción. Experiencia, expectativa e historia oral. In: GRACIA, Gerardo Necochea; LEGLISE, Patricia Pensado (Coord.). *El siglo XX que deseábamos*: ensayos de historia oral em torno a experiência e expectativa. México, DF: Instituto Nacional de Antropologia e História, 2013. p. 11-31.

<sup>5</sup> SCHÜTZ, Karla Willemann. *As entrevistas de Simão Willemann*: história oral, memória e ofício de professor no interior de Santa Catarina (1977-1978). 2012. 76 f. Monografia (Graduação em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Florianópolis, 2012. Disponível em: <<http://www.pergamumweb.udesc.br/dados-bu/000000/000000000015/0000157B.pdf>>. Acesso em : 20 abr. 2015.

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 39-56. ISSN:1808-8031

Os moradores do Pântano do Sul, a partir das entrevistas, delineiam-se como um grupo com identificações bem visíveis. Homens e mulheres, cuja infância é dividida entre as brincadeiras, o trabalho e, algumas vezes, a escola. Uma vida adulta que visava ao trabalho, à família e à religião. Um grupo que vê e sente as alterações estruturais e culturais chegarem à cidade e alcançarem também seu bairro. No entanto, o fato de ver e sentir não significa incorporar tudo e sim mesclar, experimentar o novo. São essas algumas questões observadas, intensamente, na fala dos moradores. Notam-se, não perdas na vida dessas pessoas, mas sim a adição de outras coisas que resultam em novas formas, no modo de ver e viver, conferindo algumas singularidades. Nas doze (12) entrevistas pesquisadas, mostrou-se marcante a temática religiosidade, um assunto presente, na fala de todos, e que converge bastante. Outro assunto constante: o debate em torno da demolição da igreja do bairro.

Em razão do recorte temporal e por apoiar-se no recurso da história oral, o presente artigo tem seu arcabouço nas perspectivas da História do Tempo Presente. Marieta Ferreira<sup>6</sup> traz alguns aspectos que marcam a História do Tempo Presente como um campo fértil, ainda mais quando articulado com a história oral:

[...] a história do tempo presente pode permitir com mais facilidade a necessária articulação entre a descrição das determinações e das interdependências desconhecidas que tecem os laços sociais. Assim, a história do tempo presente constitui um lugar privilegiado para uma reflexão sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos de uma mesma formação social. Do exposto, fica óbvia a contribuição da história oral para atingir esses objetivos.

A história oral fornece, ao historiador do presente, um importante material de pesquisa. Portanto, as entrevistas aqui estudadas inserem-se no âmbito da história do tempo presente, amparadas pela metodologia da história oral.

### **Florianópolis uma cidade em modernização**

A década de 1970, para Florianópolis, assim como para tantas outras cidades brasileiras, foi sinônimo de mudança, de modernização, não somente ligada às novas e grandiosas construções urbanísticas, mas também aos hábitos dos moradores. As entrevistas aqui analisadas acham-se imersas nesse contexto. Muitas pessoas, oriundas de outras localidades do Brasil, e até mesmo de outros países, chegaram, para residir em Florianópolis,

---

<sup>6</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 94, n. 3, p.111-124, maio/jun. 2000.

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 39-56. ISSN:1808-8031

carregando, na bagagem, além de bens materiais, traços culturais e outras experiências que entram em cena. O crescimento de oportunidades de emprego, a aparente tranquilidade noticiada e propagandeada pelas mídias, as belezas naturais e a qualidade de vida, em Florianópolis, foram os atrativos para aquelas pessoas que desejavam fugir dos grandes centros urbanos.

[...] Florianópolis, apresenta-se para o historiador deste tempo presente como um foco e um campo de possibilidades para investigar e propor a compreensão de tais processos socioculturais. A cidade foi palco para a constituição histórica de novas redes sociais, especialmente entre 1970 e 2000, num contexto em que houve um notório conjunto de mudanças que alteraram feições e hábitos urbanos, aproximando-a de fenômenos socioculturais contemporâneos abrangentes.<sup>7</sup>

Esse conjunto de mudanças pode também ser associado ao que Lohn<sup>8</sup> denominou de “aceleração de ritmos”, a partir de 1970, visto que, a cidade passou a obedecer ao *tic-tac* do relógio, o tempo tornou-se mais rápido, o que potencializou uma escassez de muitas práticas cotidianas nos ilhéus.

Pode-se pensar que Florianópolis, a partir da década de 1970, passou a ser um canteiro de obras, não se restringindo a prédios residenciais e comerciais. A modernização, na capital de Santa Catarina, não é um processo isolado; está integrado ao cenário nacional. O país, entre 1968 e 1973, sob um regime ditatorial; vivia o chamado “milagre econômico”, momento em que a economia do país teve um crescimento acelerado, com médias acima de 10%. Houve um aumento significativo de investimentos estrangeiros e um programa de investimento do estado, não sendo diferente em Santa Catarina.

Em 1970; houve o aterro e a construção da Avenida Beira-mar Norte, inaugurada dez anos depois; a conclusão da BR-101, que facilitou o acesso a Florianópolis, assim como, em 1974, o asfaltamento da SC-401, levando às praias e a outras localidades do norte da ilha. Ainda em 1970, teve início o aterro da Baía Sul, que permitiu a construção da segunda ponte de acesso à parte insular de Florianópolis, a Ponte Colombo Salles (1975). O mesmo aterro também ajudou a construção do Terminal Rodoviário Rita Maria, em 1981, ano de inauguração da estrada Costeira do Pirajubaé/Rio Tavares<sup>9</sup>. Entre 1960 a 1980, também houve

<sup>7</sup> CAMPOS, Emerson César de; FALCÃO, Luiz Felipe; LOHN, Reinaldo Lindolfo. Tempos Saturados. In: CAMPOS, Emerson César; FALCÃO, Luiz Felipe; LOHN, Reinaldo Lindolfo (Org.). *Florianópolis no tempo presente*. Florianópolis: Editora da UDESC; DIOESC, 2011. p.264.

<sup>8</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. Limites da utopia: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950). *Rev. Bras. Hist.* [online], v.27, n.53, p. 297-322, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a13v5327.pdf>> . Acesso em: 22 abr. 2013

<sup>9</sup>ROSSATO, Luciana; MARTINS, Mariane. Um pedacinho de terra perdido no mar: um novo destino turístico em construção. *Fronteiras: Revista Catarinense de História* [on-line], Florianópolis, n. 22, p.9-28, 2013. Disponível em: [http://www.anpuh-sc.org.br/rev%20front%2022%20vers%20fin/f22-artdoss1-luciana\\_rossato\\_e\\_mariane.pdf](http://www.anpuh-sc.org.br/rev%20front%2022%20vers%20fin/f22-artdoss1-luciana_rossato_e_mariane.pdf)>. Acesso em: 21 abr. 2013.

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 39-56. ISSN:1808-8031

a instalação e/ou criação de instituições de peso, em Florianópolis, como a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Eletrosul, em 1968 e, no mesmo ano, a Escola Técnica Federal de Santa Catarina (ETF-SC).

Em meio a tantas alterações, o Pântano do Sul e seus moradores também experimentaram essa Florianópolis em modernização. Houve ecos, interferências desse moderno, no bairro, e no modo de viver. Busca-se, assim, investigar as permanências e rupturas, no que tange aos ecos na religiosidade popular dos moradores.

### **Ecoss de uma modernização, traços de religiosidade popular**

Ao circular pelos bairros de Florianópolis, é visível a presença de igrejas católicas, mas ainda, edificadas no período colonial. Também pode ser observada uma variedade de festas de santos católicos, muito frequentadas pela população e até mesmo divulgadas e financiadas por órgãos públicos. Sabe-se que, muito disso, tem ligação com a colonização portuguesa e não é algo exclusivo de Florianópolis. Em todo o território brasileiro, a presença portuguesa deixou permanências ainda visíveis, uma delas é a religião Católica Apostólica Romana, mas que não se tornou a única religião, muito menos imutável, ou seja, veio da Europa, para a América, sem sofrer interferências de grupos adeptos de outros credos.

Falar de religião e religiosidade, no Brasil, significa falar de muitas religiões, de muitos grupos e culturas. A historiadora Laura de Mello e Souza<sup>10</sup> explana que, no período do Brasil colonial, “Traços católicos, negros, indígenas e judaicos misturaram-se pois na colônia, tecendo uma religião sincrética e especificamente colonial”. Por mais que se considerassem como católicas, muitas pessoas passaram a conviver e a crer em aspectos oriundos de outras religiões. Assim, a colônia portuguesa estava “fadada ao sincretismo religioso”<sup>11</sup> e, muito disso, estendeu-se ao Brasil Império e República. Certamente, houve muitas alterações na religião católica brasileira, mas não é possível ignorar os fragmentos das outras religiões dentro do catolicismo. São muitos os ritos e mitos pertencentes, em princípio, às populações indígenas e africanas, mas que se fazem presentes, de alguma forma, nas práticas católicas das pessoas.

---

<sup>10</sup> SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 97.

<sup>11</sup>Ibid., p. 93

[...] toda a multiplicidade de tradições pagãs, africanas, indígenas, católicas, judaicas não pode ser compreendida como remanescente, como *sobrevivência*: era vivida, inseria-se neste sentido, no cotidiano das populações. Era, portanto, *vivência*. É nessa tensão entre o múltiplo e o uno, entre o transitório e o vivido que deve ser compreendida a religiosidade popular da colônia, e inscrito seu sincretismo.<sup>12</sup>

Portanto, para abordar a religiosidade popular, nessa comunidade, há a necessidade de pensar as tensões vividas pelas pessoas – que não se resumiam a ir à missa e rezar em casa; a religiosidade estava no cotidiano das pessoas, através de práticas variadas, como missas, novenas, procissões, festas de padroeiras, benzeduras, e mesmo nomes próprios que homenageavam santos do dia, por exemplo.

No primeiro contato com as entrevistas de 1985, o tema religiosidade sobressaiu; todos falam sobre o assunto, colocam-se como católicos e participantes, desde crianças, dos eventos religiosos. A primeira impressão da leitura das entrevistas sinalizou que a religiosidade estava no cotidiano das pessoas do bairro. As memórias desses homens e mulheres, mesmo com as especificidades que cada um possui, mostraram-se convergentes, como se a religiosidade fosse um componente marcante para compreender as identidades constituídas.

Assim, houve a necessidade de aprofundar o assunto, investigar essas ‘primeiras impressões’, compreender o que é religiosidade, que tipo de religiosidade se acha no bairro e que é descrita pelos moradores.

Já em 1963, é possível identificar alguns ruídos da ligação do bairro com a Igreja Católica. O bairro foi alvo de pesquisa de alunos universitários, que realizaram um trabalho<sup>13</sup> acadêmico, com o intuito de descrever e analisar diversos aspectos sobre o Pântano do Sul e apontam que,

A religião dominante é a Católica e podemos dizer que é a única, pois outras Igrejas já tentaram trabalho missionário na comunidade, mas não lograram êxito e não conseguiram adeptos. Existe, na localidade, uma Igreja, e a população, na sua totalidade, frequenta a mesma. A macumba, embora conhecida não é mantida. O povo é muito supersticioso. As comemorações religiosas, marcam as festividades do local e são realizadas duas vezes por ano: a Festa de São Pedro e a Festa dos Navegantes.

---

<sup>12</sup> SOUZA, op. cit., p. 98.

<sup>13</sup> Este trabalho foi encontrado de forma inesperada. Minha tia viu sua vizinha mexendo em uns papéis velhos e me informou sobre, já que faço história e gosto de papeis “velhos”. Fui conversar com sua vizinha, Adirce, e ela me mostrou. Para minha surpresa era uma monografia orientada por Nereu do Vale Pereira de 1963 sobre o Pântano do Sul, prontamente Adirce me emprestou para digitalizar o material. Este trabalho não foi encontrado no banco de dados da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina, pode-se entender que tratava-se de algo praticamente perdido para a história.

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 39-56. ISSN:1808-8031

Os comentários dos estudantes evidenciam a importância da presença da Igreja Católica no bairro e o alcance que tinha na vida dos moradores. Em suas análises, ainda descrevem:

as festas são muito concorridas e vêm pessoas de todos os pontos. [...] mostra o capricho com que o povo cuida da mesma, pintando as paredes periodicamente – mostra nas laterais os Santos: São Pedro e a estátua destinada ao Navegantes – mostra o cuidado em que as mulheres tem para com o altar colocando flores seguidamente<sup>14</sup>.

Nas citações, a religião é posta como ponto característico do Pântano do Sul e seus moradores. Observam-se ainda que, as festas são marcadamente associadas aos ritos da Igreja Católica do bairro, assim como os moradores são apresentados como praticantes do catolicismo e considerados bastante religiosos.

Ao analisar essas ponderações, significativas tornam-se as palavras de Lucena<sup>15</sup> que, estudando a memória de migrantes mineiros, entende que: “indivíduos, são em geral, herdeiros de uma história familiar que é compartilhada pela comunidade e celebrada nos rituais religiosos”. A religiosidade pode ser considerada como um aglutinador do bairro, ou seja, as rezas, missas, novenas, festas para santos, benzeduras, etc., são pontos que conectam os moradores, criando vínculos entre eles e que se encontram no dia-dia. Os eventos religiosos existentes são permeados de sociabilidades. Participar deles, vai além da fé. Associado a uma sociabilidade, a religiosidade também pode ser vista como um elo de identificação.

Deve-se expor, no entanto, que essa ligação com a religiosidade, no caso, cristã católica, não necessariamente obedece aos dogmas da Igreja por completo, podendo incorporar ritos provindos de outras crenças. Como por exemplo, a benzedura, exercida por muitas mulheres do bairro, prática que não é de cunho somente católico. Segundo Martins<sup>16</sup>

Aos benzedores e benzedoras era atribuída a capacidade de “curar” os males ditos provocados pelas bruxas, e assim adquiriam notoriedade e prestígio junto às comunidades, tornando-se queridos e respeitados. Aos benzedores e benzedoras eram atribuídos dons de curar males do corpo e da alma proferindo palavras e fazendo determinados gestos, ou, ainda, receitando remédios e ervas.

---

<sup>14</sup> SOUZA, op. cit., p.31.

<sup>15</sup> LUCENA, Célia Toledo. Memórias de famílias migrantes: imagens do lugar de origem. *Projeto História*, São Paulo, v. 17, p. 137, nov. 1998.

<sup>16</sup>MARTINS, Marcelo Sabino. *Rezas, ervas e búzios: religiosidades e práticas de cura na 'Ilha da Magia' um exercício histórico no tempo presente*. 2009. 204 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Florianópolis, 2009, p. 36.

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 39-56. ISSN:1808-8031

Pode-se inferir que as múltiplas dificuldades: distância da parte mais urbana, vias de acessos ruins e ausência do poder público, notadamente na área da saúde, fizeram com que os moradores recorressem a práticas religiosas, para obter solução, em distintos problemas. Práticas entendidas por eles como sendo católicas, no entanto, tangenciam manifestações religiosas de matriz afro-brasileira e indígena, por exemplo. Besen<sup>17</sup> elucida muito bem esse cruzamento dessas crenças: “Curas, adivinhações e mandingas, benzeduras, simpatias... são processos onde, de modo muito claro, realizou-se o encontro da religiosidade indígena, negra e luso-açoriana. Ali, se fundem o benzedor com o pajé e o pai-de-santo.” É preciso levar em conta que essa sobreposição de religiosidades apresenta-se em muitas localidades do Brasil.

Segundo Besen<sup>18</sup>, o catolicismo, que se delineia em Florianópolis, é nos moldes populares e sua matriz vem do meio rural, mas é possível observar que, na década de 1970, em função da modernização da cidade, houve a diminuição de adeptos. O catolicismo popular, conforme comenta Besen, tem, como figuras representativas, o Santo e a Irmandade, o que também é posto por Laura de Mello e Souza<sup>19</sup>: “O culto à virgem e, sobretudo, aos santos, é um dos componentes da religiosidade popular, em que é mais nítida e perceptível essa efetivação.”

Em Florianópolis, comprova-se a existência de muitas festas direcionadas aos santos, tendo, em algumas, uma quantidade grande de fiéis. Segundo Martins<sup>20</sup>, até a década de 1950, a cidade apresentava um número significativo de atividades religiosas públicas, sendo as Irmandades responsáveis pela organização e concretização destas. As Irmandades, ainda de acordo com o autor, eram uma “espécie de agremiação de pessoas que se reuniam em prol da manutenção e da devoção a um santo da Igreja Católica Apostólica Romana.”<sup>21</sup> Essas irmandades existiam em diferentes localidades da ilha, como em paróquias do interior, com o Apostolado da Oração, a Consagração do Sagrado Coração de Jesus ou de Maria, “Em sua maioria, grupos compostos por beatas, que se reuniam para realizar caridades, quermesses e outras festividades de cunho religioso.”<sup>22</sup>

Sobre as festividades voltadas a santos e à mobilização das pessoas, Cabral<sup>23</sup> já apontava existir em Desterro (Florianópolis):

<sup>17</sup> BESEN, José Artulino. *História de Nossa Senhora do Desterro na Ilha de Santa Catarina: 1713-2013*. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC, 2013. p. 72.

<sup>18</sup> Ibid.

<sup>19</sup> SOUZA, op. cit., p. 115.

<sup>20</sup> MARTINS, op. cit.

<sup>21</sup> MARTINS, op. cit., p.39.

<sup>22</sup> Ibid.

<sup>23</sup> CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro: memória*. Florianópolis: [s.n.], 1972, p. 279-280. 2 v.

Havia, em outros tempos, mais festividades de cunho religioso, além destas, do ciclo a que me referi e outras devoções particulares que reuniam os fiéis em torno de Santos de sua particular preferência. [...] Numa terra assolada constantemente pelas epidemias, com as condições higiênicas que apresentava e com as limitações do conhecimento da medicina preventiva de então, o maior, senão o único recurso era valer-se a população da sua fé religiosa e apelar para a intercessão dos Santos, advogados contra a peste, qualquer que ela fosse

O calendário religioso de Florianópolis, ainda mantém muitas festividades em homenagens a santos, o que permite visualizar isso como uma permanência. Os próprios moradores do Pântano do Sul, em 1985, citam muitos santos que tinham uma festa e, também, apontam para a relevância das festas de Nossa Senhora dos Navegantes e São Pedro, ambos ligados ao mar e ao pescador, ofício marcante no Pântano do Sul e também em outros bairros da ilha, por muito tempo. Sobre isso, Cabral<sup>24</sup> ainda justifica:

Numa terra de marinheiros e pescadores, plantada numa ilha, num tempo em que a única via de comunicação era marítima, não poderiam estar ausentes as festividades de São Pedro e Nossa Senhora dos Navegantes. A primeira foi mais intensa nas povoações do interior da ilha, juntos às suas praias, nas quais abundavam os pescadores, não devendo ser esquecidos as Armações dedicadas à pesca da baleia. Na cidade propriamente, não se conhecia a devoção.

A distância e os poucos recursos, possivelmente fizeram com que os moradores do interior de Florianópolis recorressem ao sobrenatural. Rezar para ter peixe, para o pescador sobreviver às armadilhas do mar e às doenças, o único jeito era apelar aos santos e às benzeduras.

Tudo isso está conectado ao cenário religioso existente, ainda, no Pântano do Sul. Há, ainda hoje, a Irmandade do Apostolado da Oração, responsável por algumas procissões e novenas e, além disso, a figura do padre está quase que restrita às missas de domingo, sendo as novenas, procissões, ladainhas, comunhão para pessoas acamadas, entre outras atividades, realizadas pelos moradores, em especial, os fiéis mais velhos.

Outro exemplo, dessa “fuga” das crenças, perante as imposições da Igreja, é em relação à imagem de Nossa Senhora dos Navegantes. A existência da pesca, como forma de trabalho, fez com que a santa, protetora dos homens que convivem com o mar, seja honrada pelos moradores. Ressalta-se que, no início de fevereiro de cada ano, há a Festa de Navegantes, na qual os pescadores organizam a procissão marítima. A imagem, que se acha no interior da igreja, traz as insígnias de outra Nossa Senhora. Segundo a representação “oficial”, a santa dos Navegantes traz uma criança no colo e está dentro de um barco (Figura

---

<sup>24</sup> Ibid., p. 282.

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 39-56. ISSN:1808-8031

1). Já, a do Pântano do Sul, não traz essas insígnias e, por isso, a capela fez um barco no qual ela se encontra, nos dias de festa (figura 2).

Figura 1: Nossa Senhora dos Navegantes: imagem segundo a Igreja Católica<sup>25</sup>



Figura 2: Nossa Senhora da Boa Viagem (Nossa Senhora dos Navegantes para os moradores do Pântano do Sul)<sup>26</sup>



<sup>25</sup> Disponível em: <<http://www.nossasenhordosnavegantes.com.br/>>. Acesso em: 4 abr. 2014.

<sup>26</sup> Rede Social da Capela de São Pedro-Pântano do Sul. Disponível em: <<https://www.facebook.com/capela.saopedro.1>>. Acesso em: 4 mar. 2014.

A própria comunidade tem conhecimento da troca das imagens, mas o apego a essa (figura 2) é tamanho, que não questionam e nem desejam a alteração pois, para eles, é a de Nossa Senhora dos Navegantes. Ambos os exemplos demonstram que

Por fora do aparato institucional, no entanto, articula-se um outro sistema bastante extenso de práticas crenças religiosas que embora faça parte do universo católico, não goza de reconhecimento oficial da Igreja. Esse sistema, geralmente denominado de catolicismo popular tradicional, tem como sua principal base de sustentação a devoção aos santos, com os quais os fiéis estabelecem relações de aliança – seus santos padroeiros, [...] – e/ou de trocas, nas quais predominam as promessas e obrigações mais imediatas.<sup>27</sup>

Ou seja, mesmo com as imposições da instituição Igreja, há muitas remodelações, conforme o local, o tempo e o grupo. No caso do Pântano do Sul, mais especificamente para aqueles que nasceram e cresceram envoltos nesse cenário, a imagem é entendida e cultuada como sendo de Navegantes. Ainda vale ressaltar que, tal entendimento, também permite compor uma identificação do grupo, pois, só os que se acham imersos nesse meio, é que entendem o sentido dado a imagem.

A imagem da santa suscita imaginários e representações próprias dos moradores do Pântano do Sul. É necessário compreender que as imagens são portadoras de história e de tempo<sup>28</sup>. Há um processo de acomodação e adaptação dos moradores com relação à imagem da santa.

Chartier<sup>29</sup> tomando os conceitos de estratégias e táticas de Certeau apresenta uma análise, que pode ser transposta para pensar os dois exemplos expostos acima:

As estratégias supõem lugares e instituições, produzem objetos, normas, modelos, acumulam e capitalizam; as táticas, desprovidas de lugar próprio, sem controle sobre o tempo, são “maneiras de fazer”, ou melhor, maneiras “de fazer apesar de”. As formas “populares” da cultura, das práticas do cotidiano aos consumos culturais, podem ser pensadas como táticas produtoras de sentidos – mas de sentidos provavelmente estranhos àqueles visados pelos produtores [...].

Ou seja, ao analisar essas práticas religiosas, é preciso levar em conta que o grupo não irá inculcar por inteiro as normas e modelos impostos. Há uma decantação, não

<sup>27</sup> STEIL, Carlos Alberto. Catolicismos e memória no Rio Grande do Sul. *Debates do NER*, Porto Alegre, v. 5, n. 5, p. 11, jun. 2004.

<sup>28</sup> GRUZINSKI, Serge. *A guerra das imagens: de Cristóvão Colombo a BladeRunner, 1492-2019*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

<sup>29</sup> CHARTIER, Roger. Leituras populares. In: \_\_\_\_\_. *Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de leitura do Brasil (ALB), 2003. p. 141-167. (Coleção Histórias de Leitura).

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 39-56. ISSN:1808-8031

necessariamente proposital, “A vontade de inculcação dos modelos culturais não anula jamais o espaço próprio de sua recepção, uso e interpretação”<sup>30</sup>.

Tudo isso torna-se ainda mais instigador para quem pesquisa. Buscar as especificidades, as permanências, as rupturas, de um local e de seus habitantes, em um determinado tempo. Para isso, nada mais significativo do que escutar aqueles que vivem o cotidiano, que se encontram imersos nesses ritmos de vida existentes e que, contribuem para o apagamento de outros.

Outro ponto que se delineia bastante instigador são os ecos da modernização, na religiosidade das pessoas, o que não se restringe a Florianópolis, mas a todo o Brasil. Segundo Montes<sup>31</sup>, há, desde o início da modernidade, um processo longo de laicização. Uma sociedade mais dessacralizada, individual e regida pelas regras do mercado, emerge. Há um “encolhimento do universo religioso”<sup>32</sup>, sendo o Cristianismo, no Brasil, bastante afetado. É possível comentar a questão da aceleração do tempo<sup>33</sup>, que reverbera no cotidiano das pessoas e que, possivelmente, abala algumas crenças. O Pântano do Sul torna-se um local propício para analisar esse “encolhimento”, sendo, portanto, o tema aprofundado aqui, a partir de entrevistas com moradores, eles próprios, vestígios do passado, plenos de histórias.

Vale ainda frisar quem são essas pessoas, esses moradores, aqui personagens singulares e principais neste trabalho. Pessoas *ordinárias*, ou seja, que pertencem à ordem do comum, que vivem seu dia-dia, o seu cotidiano, não lotadas no círculo de grandes figuras da história, mas que podem ser considerados, igualmente, grandes homens e mulheres que ajudam a compor uma história do bairro do Pântano do Sul. Para tanto, recorre-se a Certeau<sup>34</sup>, este que reintroduz, na história, o homem simples em um cenário que é o cotidiano e que mostra a criatividade desse homem.

“Para ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante do seu objeto”<sup>35</sup>. A forma de mobilizar o homem ordinário no cotidiano, exige, como aponta o autor, esmiuçar e compreender as maneiras de fazer, que se constituem de muitas práticas. O homem simples e o cotidiano estão permeados de histórias possíveis, possuem aparente simplicidade, como um *iceberg* que, muitas vezes, se mostra

---

<sup>30</sup> Ibid., p. 156.

<sup>31</sup> MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando A.; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História da vida privada no Brasil, 4: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (História da vida privada no Brasil ; n.4).

<sup>32</sup> Ibid., p. 72.

<sup>33</sup> HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

<sup>34</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer*. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

<sup>35</sup> Ibid., p. 35.

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 39-56. ISSN:1808-8031

pequeno na superfície, mas, ao imergir no mar, seu corpo se estende pelas profundezas. Há muito que se historiar sobre o homem e o cotidiano.

A vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira “essência” da substancia social [...]. As grandes ações não cotidianas que são contadas nos livros de história partem da vida cotidiana e a ela retornam. Toda grande façanha histórica torna-se particular e histórica precisamente graças ao seu posterior efeito na cotidianidade. O que assimila a cotidianidade de sua época assimila também, com isso, o passado da humanidade, embora tal assimilação possa não ser consciente, mas apenas “em-si”<sup>36</sup>

Não há história que não perpassasse pelo espaço da cotidianidade e que não seja significativa para o historiador. E nesse cotidiano, ou melhor, naquele cotidiano, vivido pelos moradores do Pântano do Sul, houve uma situação bastante complexa e que suscitou uma longa discussão e divergências de opinião: o debate sobre a demolição da “igreja antiga”.

A demolição da Capela de São Pedro (Pântano do Sul) é tomada como um sintoma da modernização em Florianópolis. Os tempos se encontram, o “antigo” e o “novo”, a modernização se entrecruza com o tempo do Pântano do Sul, antes isolado, por vezes considerado parado no tempo.

O ano de 1984, no Pântano do Sul, foi de intensas discussões sobre a possível demolição da igreja para a construção de outra. De acordo com o historiador e morador do bairro, Arante José Monteiro Filho, a igreja havia sido construída por volta de 1882 e 1884. No entanto, noticiado no jornal *O Estado* houve abaixo-assinado com grande número de moradores apoiando a demolição do prédio, sendo a falta de espaço, em razão do aumento da população na localidade, um dos motivos para a demolição.

Como já discutido, dada a importância da igreja e da prática religiosa na vida dos moradores, é compreensível a mobilização daqueles que viviam no bairro, bem como a polêmica gerada.

Na leitura das entrevistas, observou-se que os entrevistadores tinham interesse em questionar os entrevistados sobre os motivos e as reações dos moradores, acerca da demolição da igreja do bairro, denominada de São Pedro. Segundo o historiador Arante José Monteiro Filho, em entrevista ao jornal da época, a construção datava 1884 – dado que foi reafirmado na fala de Joaquim Simão<sup>37</sup>: “Aqui essa nossa, antiga? A antiga foi no tempo da minha mãe, eu não era nascido. Foi feita em oitenta e quatro [1884] e eu nasci em novecentos e oito, não era nascido”. Entretanto, o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF), em

<sup>36</sup> HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. . São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 34.

<sup>37</sup> SIMÃO FILHO, Joaquim. Entrevista concedida a Arante José Monteiro Filho. Florianópolis, 12 de julho de 1985. Entrevista.

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 39-56. ISSN:1808-8031

consulta ao Patrimônio Histórico, comprovou que a igreja de São Pedro, no Pântano do Sul, não possuía valor histórico<sup>38</sup>.

É possível perceber, com isso, o presente e os problemas naquele presente – agora passado – que instigaram os pesquisadores na elaboração das entrevistas. Também é possível pensar que, provavelmente, o entrevistador quisesse uma forma de colher depoimentos que acolhessem seus desejos. Tais percepções ajudam a compreender o quanto as intenções do historiador/entrevistador estão embutidas na produção das entrevistas e, por isso, a necessidade de amparar-se na história oral:

Eis por que é preciso remontar no tempo e estudar o documento oral não somente como fonte, mas também do ponto de vista de sua construção pelo historiador que ao solicitar uma testemunha, procede a uma “invenção” de fontes. Descrevendo-se quais podem ser as diferentes formas de coleta de um documento oral e as consequências dessas diferentes modalidades para a prática da história, é sempre o controle já citado que está em questão<sup>39</sup>.

Logo, é fundamental o extremo cuidado por parte, não apenas daquele que produz tal documento, mas de quem o analisa, sem ter atuado diretamente em todo o processo de confecção do documento (entrevista), como é o caso do presente trabalho, pois, há o controle e invenção de fonte, por parte do historiador.

No que tange ao tema da demolição da igreja, os entrevistadores indagam sobre o posicionamento dos moradores e as respostas divergem. Dos doze (12) entrevistados, oito (08) foram questionados, diretamente, sobre a demolição; cinco (05) responderam e colocaram suas opiniões; destes, três (03) afirmaram ser a favor da demolição e falaram sobre a necessidade e os benefícios da construção de outra igreja; duas (02) pessoas, afirmaram ser contra. Com respostas contra ou a favor, ou até mesmo sem respostas, é possível entender que tal acontecimento, no Pântano do Sul, mobilizou boa parte dos moradores, evidenciando a importância, não necessariamente do prédio, mas do fato de a igreja ser a única do bairro e ser da religião predominante, Cristã/Católica.

Ainda sobre o posicionamento, os próprios entrevistadores afirmam, ao questionar, que a maioria dos moradores eram a favor: “Mas a maioria do pessoal do Pântano do Sul foi a favor [...]”<sup>40</sup>. Ou seja, já estavam cientes do debate sobre a igreja, que gerou conflitos e mobilizou uma parcela da comunidade, em apoio à demolição desta.

<sup>38</sup>O ESTADO, n. 20849, 15 mar. 1984, p. 06.

<sup>39</sup> VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p 250-251.

<sup>40</sup> MONTEIRO, Osmarina Maria. Entrevista concedida a Regina Coeli Nunes Martins de Barros. Florianópolis, 17 de junho de 1985. Entrevista.

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 39-56. ISSN:1808-8031

Questionado sobre a construção do novo prédio, Romeu Manuel de Oliveira<sup>41</sup> afirma:

Achei positivo, sabe porque? Porque nossa igreja tava muito ruim. Se a igreja seguisse mais de um ano ela caía. Ninguém sabe até como foi feito aquilo. Muito antiga, né? Toda rachada, chovia dentro, a madeira, o cupim tinha comido tudo. Então quédizê que foi uma boa. Argum reclama que não foi, mas foi, foi sim. Vê como tá bonito hoje. Você já teve lá dentro dela ou não...?

Sobre a mesma pergunta Germano José da Lapa<sup>42</sup> diz:

Ah, fomo obrigado, obrigado a faze isso, obrigado porque não tinha luga pra faze outra e aquela ali tava muito velha. Ajudei a carregar tijolo pra ela lá da Enseada do Brito, de lancha carregando tijolo. [...]  
Vai ter inauguração agora dia 22 [junho de 1985], agora sa sábado. Agora pode dize que é uma igreja, certo. Se a minha casa está caindo o que é que eu vo faze? [...] eles fizero muito bem.

Francisco do Tomaz Arcenio<sup>43</sup> também argumenta: “Nossa igreja velha que foi derrubada o ano passado aqui uns 8 meses aqui atrás, não faz um ano ainda que era velha, que tinha já quase um século, mas agora foi derrubada também, pa faze uma nova, mas é tudo novo, tá bom assim.”.

Nas três falas, que se posicionam a favor da demolição, é possível considerar que o adjetivo “antigo” possui o sentido negativo, ou seja, é o velho, o sem valor, que está acabado e precisa ser “jogado fora”. Logo, “antigo”, para esses senhores, não necessariamente está associado a um valor histórico; pelo contrário, eles estão preocupados com o uso desse local – o presente – e dos problemas que o prédio antigo traz:: “cupim”, “rachaduras”, “goteiras”, “pequeno espaço”. O passado e as experiências vividas, em relação à igreja, não estão atuando nas memórias desses moradores; suas preocupações estão atreladas ao presente do prédio, ao presente em que vão à igreja e veem a ação do tempo atuar gerando rachaduras, cupins e a falta de espaço. É o presente que justifica a necessidade da demolição e nesse sentido, o crescimento populacional e as ideias de modernização da cidade, podem ser sentidas nessa atitude. E assim, colocam a nova construção como positiva, pois é o novo, o moderno, que pode ser utilizado. A resposta final de Germano José da Lapa<sup>44</sup> justifica muito

<sup>41</sup> OLIVEIRA, Romeu Manuel de. Entrevista concedida a Manoel Beiro Caraméz. Florianópolis, 21 de junho de 1985. Entrevista.

<sup>42</sup> LAPA, Germano Jose da. Entrevista concedida a Francisco do Vale Pereira. Florianópolis, 18 de junho de 1985. Entrevista.

<sup>43</sup> ARCENIO Francisco Tomaz. Entrevista concedida a Arthur Manoel Pires. Florianópolis, 14 de junho de 1985. Entrevista.

<sup>44</sup>LAPA, Germano Jose da, op. cit.

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 39-56. ISSN:1808-8031

bem o apoio para a nova construção: “Agora pode dizer que é uma igreja, certo! Se a minha casa está caindo o que vou fazer? [...] eles fizeram muito bem”. O olhar está centrado para a utilidade do edifício, no presente dos moradores e na funcionalidade que deve ter. O seu valor simbólico, para o bairro, na opinião dos moradores que apoiaram a demolição, não se apresenta.

As justificativas, em apoio à demolição, mostram-se próximas: a igreja ‘antiga’ estava muito velha, pequena e cheia de problemas na estrutura; por isso, a necessidade de construir uma nova. Já, os entrevistados que se colocaram contra, afirmam que não havia necessidade, que foi uma atitude do grupo que administrava a igreja e que não buscou saber a opinião dos moradores

Destaca-se que, segundo Osmarina Maria Monteiro: “Os velhos foram a favor, os moços foram quase tudo contra [...] Queriam que desmanchassem, estava velha, não sei o que [...]”<sup>45</sup>. Pode-se intuir que os mais velhos estavam considerando os benefícios de um edifício novo, enquanto que os jovens, possivelmente com um nível de escolaridade mais alta e interagindo em outros grupos, para além do Pântano do Sul, estavam preocupados com os valores históricos, presentes no edifício demolido; estavam olhando para o passado, os significados e a importância deste para uma história do bairro. Não se pode esquecer de que, as discussões patrimoniais e a preocupação em salvaguardar o passado, adquirem mais espaço e investimento, no transcorrer de 1980, quando o patrimônio tem seu conceito alargado e as práticas de preservação se modificam.

É preciso ter em mente que, a importância de se preservar o “velho” e dar a ele um *status* de importante, é uma criação contemporânea. Importante sublinhar a discussão dos regimes de historicidade, do *presentismo*<sup>46</sup>, da aceleração do tempo e da extensão do presente, na vida das pessoas, o que ocasiona o esquecimento do passado. Daí, a necessidade de guardar o passado, de preservar a memória, ou seja, de preservar aquela igreja do Pântano do Sul. Mas, essa sensibilidade para com o “antigo”, como algo importante, não é sentida pelos moradores mais velhos. E isso faz entender os motivos da mobilização dos mais jovens, contra a demolição, estes sim, frequentando escolas e universidades, interagindo com uma Florianópolis moderna, internalizam a importância da preservação daquilo antes considerado velho, pois estão imersos em outro regime de historicidade, ou seja, numa uma relação com o tempo, mais voltada para o presente e, por conta disso, preocupada com o esquecimento do

---

<sup>45</sup>MONTEIRO, Osmarina Maria, op. cit.

<sup>46</sup>HARTOG, op. cit.

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 39-56. ISSN:1808-8031

passado. Daí, a luta em salvaguardar esse passado, neste caso, lutar contra a demolição de uma igreja “velha”;

É fundamental historicizar o conceito, pois, quando se fala ‘velho’, alguns entrevistados associam a algo pejorativo, sem valor e que serve para o descarte, no caso da igreja, para a demolição. Como salienta Koselleck<sup>47</sup>, os conceitos possuem historicidade e, ao estudá-los, é possível entender determinada experiência do tempo. As noções de preservação, de valorização do passado e de valor histórico são postas, mais intensamente, no fim do Século XX, e ainda, o meio de difusão para essa sensibilidade é, em especial, a escola, ambiente que os moradores entrevistados frequentaram, quase em sua maioria, até a quarta série do antigo Curso Primário.

Ainda, é instigante, pensar acerca dos posicionamentos, pois é provável que os mais velhos tivessem mais contato com a igreja ‘antiga’ – casaram-se nela, batizaram seus filhos, nela foram batizados – enfim, seria um edifício repleto de memórias. Contudo, há uma divisão da memória coletiva dos moradores – de um lado, os mais velhos, reivindicando e aprovando a demolição e construção de uma nova igreja; do outro lado, os jovens, reivindicando a preservação da “antiga”, que teria um valor histórico, um valor importante, para os moradores e para a história do bairro. Podemos visualizar, aqui, o que Ricoeur<sup>48</sup> entende ser a memória coletiva, na qual há o vínculo com *os próximos*: “essas pessoas que contam para nós e para as quais contamos, estão situadas numa faixa de variação das distâncias, na relação entre o si e os outros” – neste caso, os moradores. Entretanto, mesmo integrada a um grupo, uma pessoa – o *eu* – se colocada, opina conforme suas ideias, podendo divergir do que seus *próximos* pensam.

Contrária à demolição, a moradora Inácia Marcelina de Ávila<sup>49</sup> argumenta:

Ele [o padre] quer dizer que aceitou né... eu acho assim que ele aceitou porque não era de lá [Pântano do Sul], sendo de fora o que poderia fazer? [...]  
Eu toda vida fui contra, eu batia no peito se fosse pra fazer um abaixo assinado, eu meu dedo lá, porque eu sou analfabeta, mas eu marcava o meu dedo para não desmanchar, não aceito não era para ser desmanchado...

Essa senhora já mantém outro olhar para a igreja “antiga”, mas não justifica a sua posição. Possivelmente, essa moradora, assim como outros, não concordava com a demolição

<sup>47</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

<sup>48</sup> RICOEUR, Paul. Memória pessoal, memória coletiva. In: \_\_\_\_\_. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas/SP: Unicamp, 2007. p 141.

<sup>49</sup> ÁVILA Inácia Marcelina de. Entrevista concedida a Regina Coeli Nunes Martins de Barros. Florianópolis, 15 de julho de 1985. Entrevista.

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 39-56. ISSN:1808-8031

por questões sentimentais, talvez nostálgicas, lembranças associadas àquela igreja. Ela estava olhando para o passado, naquele presente. Contrariamente aos que se colocaram a favor, posto que, aqueles, estavam preocupados com o presente em direção ao futuro, do prédio da igreja.

É possível concluir que o debate, em torno da demolição da igreja, é uma ressonância da modernização, que se processava em Florianópolis, a partir de 1985. O desejo de modificar, de trocar o “velho” pelo “novo”, este mais “bonito”, de construir algo maior, para alocar mais fieis, tem ligação com o presente em que viviam: o crescimento do bairro. Essa disputa entre os próprios moradores, em demolir, pode, então, ser um eco da modernização e os moradores, no lidar com essas novas experiências, construíram suas ideias e olharam para esse debate, cada um de uma forma.

Inicialmente, as cinco (05) breves falas, sobre a demolição da igreja e o apoio, ajudam a pensar sobre a relação memória coletiva e individual, segundo Ricoeur<sup>50</sup>. Os cinco moradores acima nasceram (exceto Osmarina Monteiro que veio quando criança), cresceram e edificaram suas vidas no bairro, o que os coloca em aproximação (com) e participantes de um mesmo grupo. Provavelmente, frequentavam a igreja “antiga”, como a chamam, e construíram laços com ela, haja vista que as festividades existentes no bairro eram ligadas à Igreja Católica, tornando-se, então, esse ambiente religioso, um lugar, não somente de oração, mas de sociabilidade. Em razão de tudo isso, poder-se-ia intuir que, todos os moradores do bairro, foram contra a demolição da igreja, já que ela fazia parte da história de cada morador e moradora, construindo, também, uma história do bairro. No entanto, mesmo partilhando alguns aspectos, cada um formulou sua opinião de uma forma. E, se fosse outro tema, a mesma coisa iria acontecer, pois, antes da memória coletiva, há o individual, atuando, como argumenta Ricoeur<sup>51</sup>.

Dessa forma, ao observar estas entrevistas, ou até mesmo outras, o historiador necessita ficar atento, ao grupo investigado, ao mesmo tempo em que deve compreender que, cada pessoa, mesmo imersa em um grupo bastante homogêneo, constrói sua memória, a partir de suas ideias, formulando sua opinião – o seu *eu* é o primeiro a atuar – só em seguida vem o coletivo.

---

<sup>50</sup> RICOEUR, op. cit.

<sup>51</sup> Ibid.